

A morte como elemento estruturador e subjetivo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Vagner Vainer Teixeira Braz¹

Resumo: Machado de Assis, em suas obras, assinala a maneira significativa e inovadora da construção literária brasileira. O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), assim como o romance *Dom Casmurro* (1899), é uma obra que marca o início do Realismo no Brasil. O Realismo como estilo literário tende a imaginar o real além da existência (vida), mas apenas fazer uma representação leal do que se observa na sociedade de forma inovadora. Assim sendo, o objetivo de nossa pesquisa é compreender o sentido da morte em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porque ela é simplesmente desconhecida, mas é nesse momento que a Literatura entra em cena para que possamos compreender/refletir/questionar acerca do tema proposto: a morte. Contudo, é da morte que Brás Cubas recebe o título de escritor/autor e, por causa dela exerce a autoridade para contar e criticar suas próprias memórias. Buscamos nesse estudo trabalhar com leituras de textos voltados para vestígios teóricos, a respeito do que seria morte na obra literária, em que só é possível abarcar esse pensamento a partir do sujeito/Homem. Deste modo, os dados são coletados por meio de pesquisa bibliográfica, a partir dos quais são buscados os repertórios teóricos, como Benjamin (1994), Blanchot (1987), Candido (2002).

Palavras-Chave: Machado de Assis. Morte. Ironia. Homem.

Abstract: Machado de Assis, in their works, highlights the significant and innovative way of Brazilian literary construction. The novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), as well as the novel *Dom Casmurro* (1899), is a work that marks the beginning of Realism in Brazil. Realism as a literary style tends to imagine the real plus of existence (life), but only make a fair representation of what is observed in society in an innovative way. Thus, our aim is to understand the meaning of death in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, because it is simply unknown, but, this moment is when literature comes on the scene so we can understand/reflect/question about the proposed theme: death. However, it is from death that Cubas received the title of writer/author, and because of it he has the authority to tell and criticize his own memories. We seek to work in this study with the reading of theoretical texts that deal with the theme of death in the literary work, which is only possible to embrace from the subject / Man. Thus, the data are collected by means of bibliographical research, from which the theoretical repertoires are searched, from authors such as Benjamin (1994), Blanchot (1987), Candido (2002).

Keywords: Machado de Assis. Death. Irony. Man.

¹(Vagnert11@gmail.com). Acadêmico do Curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, do Campus Universitário de Pontes e Lacerda. Artigo sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Madalena Machado.

O homem morre, isso não é nada, mas o homem é a partir de sua morte, liga-se fortemente à sua morte, por um vínculo de que ele é juiz, ele faz sua morte, faz-se mortal e, por conseguinte, confere-se o poder de fazer e dá ao que faz seu sentido e sua verdade.

(Maurice Blanchot)

Machado de Assis em suas obras assinala a maneira significativa e inovadora, um novo espaço na criação literária brasileira. O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1997), assim como o romance *Dom Casmurro* (1997), é uma obra que marca o início do Realismo no Brasil. O Realismo como estilo literário tende a imaginar o real além da existência (vida), mas apenas fazer uma representação leal do que se observa na sociedade de forma inovadora, do mesmo modo a personagem principal da obra, Brás Cubas, que também é o narrador. Como nenhum outro, se intitula no começo do romance “(...) eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço (...)” (ASSIS, 1997, p. 513), é dessa maneira que Brás Cubas narra suas histórias, postumamente.

Assim sendo, tomamos como recorte de nossa pesquisa o sentido da morte em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, buscando compreendê-la porque ela é simplesmente desconhecida, mas é nesse momento que a Literatura entra em cena para que possamos compreender/refletir/questionar acerca do tema proposto: a morte. É da morte que Brás Cubas recebe o título de escritor/autor e, por causa dela exerce a autoridade para contar e criticar suas próprias memórias.

Nesse sentido, Benjamin (1994, p. 208), em suas reflexões sobre o narrador, afirma que a morte é a “sanção de tudo o que o narrador pode contar” e é dela que resulta a “sua autoridade”. Do mesmo modo acentua que é na ocasião da morte que se alia o saber, a sabedoria do indivíduo e a vivência, mostrando que são com esta importância ou valores que se constroem histórias, vejamos:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. (BENJAMIN, 1994, p.207 a 208)

Benjamin destaca por excelência que é da morte que são construídas as histórias. Algo semelhante podemos encontrar na obra machadiana quando o narrador ao afirmar que dedica suas memórias ao verme, faz com que interpretemos sua vida para além do sentido físico, pois já está morto e, portanto, pronto para criticar a sociedade e a si próprio. Livre de qualquer vínculo humano, o protagonista leva o leitor a perceber que o sentido da narrativa está centrado em uma pessoa que, após a morte, narra todo um contexto vivido com diversos tipos de sujeitos. Estes pensam e agem cada um a seu modo.

Machado de Assis demonstra em sua narrativa, uma interpretação inovadora sobre o ser humano, fazendo com que seus leitores busquem questionar o mundo a sua volta. Assim, para que isso aconteça, a voz narrativa parte de um indivíduo distante dos modos vividos pelos personagens destas memórias.

Conforme Candido (2002), a morte é a causa limite dos pensamentos e ações que um indivíduo possa adquirir, sendo assim, é somente após a morte que é possível construir uma interpretação acabada e coerente sobre a vida:

A morte é um limite definitivo dos seus atos e pensamentos, e depois dela é possível elaborar uma interpretação completa, provida de mais lógica, mediante a qual a pessoa nos aparece numa unidade satisfatória, embora as mais das vezes arbitrária. (CANDIDO, 2002, p. 64)

O papel da perspectiva narrativa Machadiana destaca-se em seu romance logo de início, quando o narrador se apresenta aos seus leitores como um defunto autor, em que relata sua vida ou como ele mesmo narra: memórias póstumas.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. (ASSIS, 1997, p. 513)

Desse modo, o romance machadiano tem um aspecto invertido, como destacamos acima, a obra é narrada por um falecido e não por um vivo, que por sua vez reconta a típica vida na terra. O mais inovador é que *Brás Cubas* começa narrar sua história do fim (morte) para o começo (nascimento), contrariando certas convenções literárias que seguem um percurso linear, como, por exemplo, o poema épico **A Divina Comédia** de Dante Alighieri, em que Dante narra sua trajetória primeiro pelo inferno, ao invés do paraíso.

Na obra machadiana, especificamente à narração irônica de Brás Cubas, se revela no relato marcado pelo desmascaramento de uma sociedade. Pois, descreve/denuncia um homem egocêntrico/mesquinho marcado pela indiferença social, assim é elaborado uma reflexão crítica entre si próprio/sociedade. Eagleton (2011, p. 287) descreve que a morte expõe uma natureza necessariamente não passível de ser dominado, em relação a “nossas vidas e, conseqüentemente, algo do equívoco de tentar dominar a vida de outros”. No capítulo CLX, Brás Cubas, nos remete há um contexto no qual destaca que entre o óbito de Quincas Borba e o dele intercederam os acontecimentos narrados no início do romance. O mais importante era a famosa invenção do “Emplasto Brás Cubas”, no entanto, morreu com ele pelo motivo de sua saúde (ou pneumonia). Esse divino medicamento daria à Cubas uma vida realizada, porém, no sentido de não ter alcançado seus objetivos, por exemplo, “ o primeiro lugar entre os homens”, nem êxito na vida política e nem o mais admirável pelo homem, o matrimônio. Em suma, Brás Cubas com efeito desmascarador, revela a verdadeira identidade social, mas, ao mesmo tempo critica a si próprio com o seguinte desfecho: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 1997, p. 639).

No primeiro capítulo notamos um aspecto que envolve um desfazer de valores e “verdade” sobre a morte, acentuado pelo ponto de vista duvidoso e insensível. Por exemplo, quando Brás Cubas narra sobre os onze amigos que foram ao seu funeral, “Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios” (ASSIS, 1997, p. 513). Assim sendo, um dentre os “fiéis” descrito pelo narrador, moraliza a seguinte passagem:

"Vós, que o conhecestes, meus senhores vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado." (ASSIS, 1997, p. 514)

Notamos na fala desse amigo de Brás Cubas, as palavras em uma tonalidade rebuscada, com intuito de louvar o morto, rito simbólico de consagração funeral. Nesse mesmo momento, a natureza exerce o papel de louvar o morto, conforme a citação. Percebemos também que essa passagem é irônica, isso pode ser visto no discurso exagerado do amigo dele, por isso, até o próprio Brás Cubas, ironicamente, reconhece que o discurso é exagerado e que ele nem foi essa perda irreparável, que a morte dele não significou grande coisa. Fica explícito, no entanto, que Machado de Assis foi um grande inovador para a Literatura, deixando suas marcas, como Sá Rego (1989) nos descreve:

[...] grande importância na obra de machado: a loucura e a imaginação, o grotesco desconcerto do mundo, a escrita e a memória, a intromissão do riso da tragédia, e, finalmente, o pessimismo aparente do homem que se recusa a transmitir seu “legado de miséria” através da paternidade. (SÁ REGO, 1989, p. 92)

A perspectiva da narrativa envolve em contraste cômico quando utiliza em seu repertório o ato de registrar o número de indivíduos presentes ao rito fúnebre, sendo eles, apenas onze amigos. Agora a pergunta que surge é, como um homem como Brás Cubas em seu último momento neste mundo recebe em seu enterro essa pequena quantidade de pessoas? Pelo contrário, nesta ocasião deveria haver uma porcentagem maior de pessoas, já que o defunto é “um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade” (ASSIS, 1997, p. 514). Na sequência, o narrador Brás Cubas, articula as seguintes palavras ao seu amigo que lhe homenageou: “Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei” (ASSIS, 1997, p. 514). Observemos também que a bela amizade construída no discurso do amigo, Brás Cubas destrói logo em seguida, ou seja, era só interesse um pelo outro, destacando assim, por exemplo, o uso de máscara utilizado pela sociedade, em que as pessoas são movidas por satisfazerem seus próprios interesses.

Em relação a esse tema podemos saltar lá para o capítulo CXXVI que:

A tristeza do Damasceno era profunda; esse pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava inconsolável, e dizia que a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens. Não me disse mais nada. Três semanas depois tornou ao assunto, e então confessou-me que, no meio do desastre irreparável, quisera ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas, e três quartas partes amigos do Cotrim, acompanharam à cova o cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites. (ASSIS, 1997, p. 621)

Percebermos nesse trecho que a o ato/sentido de morrer está muito além do qual conhecemos e nos faz pensar a morte como um grande abalo, em que a tristeza e a ruína unem-se aos sentimentos dos entes queridos. No romance o senhor Damasceno se encontra em face à morte de sua querida filha Eulália e murmurava que a aflição era tão grande, “com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens” (ASSIS, 1997, p. 621). Do mesmo modo Damasceno procura Brás Cubas e lhe discursa que queria no seu estado de luto o apoio, “presença” de seus amigos. Amigos, que só doze compareceram

ao velório de sua filha. Isso porque ele tinha feito e distribuído oitenta convites. Entretanto, para consolar o momento tenso, Cotrim fala:

– Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falariam da inércia do governo, das panacéias dos boticários, do preço das casas, ou uns dos outros...
Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspirou:
– Mas viessem! (ASSIS, 1997, p. 622)

Nesse contexto, a fala de Cotrim é muito importante pelo fato da situação que se encontrava naquele momento, pois as pessoas que compareceram ao velório, sentiam afeto pelo homem e por sua filha. Mas ao mesmo tempo, Damasceno ao contrário gostaria que estivessem também lá às outras pessoas. Outro ponto importantíssimo é que a sociedade é motivada pela aparência e não pelo sentimento.

Por tudo que foi exposto até nesse momento, fica claro que a vida humana é movida por interesses, aparências, favores, etc. Todavia, onde que fica a relação entre a vida e morte? A perspectiva da narrativa sobre esse assunto, afirma que a relação entre a vida e morte se dá em “Uma curta ponte” (ASSIS, 1997, p. 620).

Segundo Blanchot (1987, p. 130), alega que a morte é o “lado da vida que não está voltado para nós nem é iluminado por nós” e que reside nos dois reinos (a vida e a morte). Ao mesmo tempo a obra de Machado de Assis nos revela um homem que conta sua vida após a morte, destacando um ser humano como o cerne de suas próprias experiências. Ou seja, a essência/sentido da vida só é revelada depois de sua morte, mostrando que o sentido da vida é “o centro em torno do qual se movimenta o romance” (BENJAMIN, 1994, p. 212).

O Teórico demonstra que o papel mais importante do narrador é contar sua vida como uma dádiva, e sua excelência é descrevê-la por “inteiro”. Desta forma busca compreender tudo que está em sua volta e depara-se com si mesmo.

Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...]. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração com sumir completamente a mecha de sua vida. [...]. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Machado de Assis, em sua narrativa, utiliza de maneira inovadora uma escrita capciosa e novamente surge outro questionamento: Será que Brás Cubas está nos descrevendo sua “vida por inteiro”? Não, porque no decorrer do romance, o narrador mobiliza os fatos, os manipula, evidenciando um narrador dissimulador. Assim sendo, ele conta sua vida não

somente como uma forma de compreensão, mas também de persuasão, de própria criação literária, não lhe sendo estranha uma ficcionalização da experiência vivida.

No romance podemos depreender que ao mesmo tempo em que o narrador conta suas memórias, narra também uma crítica à sociedade. Por fim, é da morte que o sentido de viver se encontra em destaque em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ficando claro que é dela que resulta a possibilidade de uma interpretação mais integral do que seja o homem.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado. *Machado de Assis: obra completa*. Org. por Afrânio Coutinho, volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997

ASSIS, Machado de; BOSI, Alfredo. et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2008

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: 2002

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

SÁ REGO, Enylton José de. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: forense universitária, 1989